

## O Produto

A CAMISOLA POVEIRA bordada é feita em lã branca de fio grosso, da zona da Serra da Estrela, denominada “lã poveira”, e decorada a ponto de cruz, com motivos de inspiração diversa, sendo somente utilizada lã de cor preta e vermelha nos bordados.

A beleza e o pormenor do trabalhado não se resume ao peito da camisola, embora seja a área objectivamente mais marcante. Também as mangas, o decote, as barras no punho, o remate junto ao ombro e na parte inferior da camisola são objecto de trabalhos com diferentes níveis de complexidade.

A originalidade desta peça não está só nos motivos decorativos, mas também no seu modelo invulgar, tendo em conta o contexto do traje tradicional em que se enquadra. De mangas reglan, tem uma abertura à frente com um conjunto de pequenos torcidos que permitem abrir ou fechar o decote.

Peça integrante do traje de romaria e festa do pescador poveiro, sofreu naturalmente uma evolução ao longo do tempo. Inicialmente (séc. XIX) as camisolas eram mais simples, ficando a zona do bordado confinada praticamente ao peito. Com o correr do tempo, a valorização cultural do produto e a maior disponibilidade de tempo das artesãs, aumentaram significativamente o número de elementos bordados. Houve a integração de novos temas, chegando a ser comum bordar o nome do utilizador.

Paralelamente a este modelo de camisola bordada, do traje de luxo, as mulheres faziam e ainda fazem outro tipo de camisolas, de lã branca ou mesclada: a CAMISOLA POVEIRA de pontos. Para a decoração destes modelos usam pontos em relevo como as tranças, os fachocos, etc.

A destreza neste tipo de trabalhos levou à diversificação de peças, daí surgindo os gorros, as luvas, as meias e os cache-cóis. Bordados ou com pontos, estes artigos, para além da sua utilidade, entraram facilmente na moda pela sua beleza. Actualmente, a versatilidade deste produto tem atraído criadores do mundo da moda, inspirados por tendências revivalistas e por temáticas de raiz mais popular. Em 2006, o estilista Nuno Gama, na sua colecção de camisolas de lã, utilizou motivos usados na nossa camisola, aplicados por bordadeiras poveiras, segundo as técnicas tradicionais.



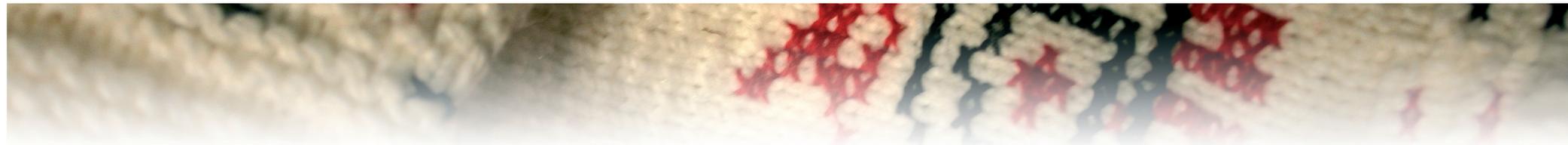
## A Camisola Poveira



### Posto de Turismo da Póvoa de Varzim

Praça Marquês de Pombal,  
4490-442 Póvoa de Varzim  
Telefone: +351 252 298 120  
Fax: +351 252 617 872  
E-mail: [pturismo@cm-pvarzim.pt](mailto:pturismo@cm-pvarzim.pt)  
[www.cm-pvarzim.pt](http://www.cm-pvarzim.pt)





## A História

“A camisola poveira era inicialmente (1.ª metade do século XIX) feita em Azurara e Vila do Conde e bordada (ou marcada) na Póvoa pelos velhos pescadores. Em evolução, passou a ser bordada pelas mães, esposas e noivas dos pescadores, e, depois feita e bordada na Póvoa.”(1)



Era habitual os pescadores “marcarem” a sua sigla nas peças de vestuário com uma técnica facilmente confundível com o ponto de cruz. Terá sido essa prática que lhes suscitou a ideia de bordar as camisolas. Posteriormente foram as mulheres a assumir essa função, enriquecendo o trabalho graças aos conhecimentos de crochet, a que chamavam renda, e de marcar (fazer letras em ponto de cruz). Faziam bordados muito bonitos, buscando inspiração nos populares desenhos das louças de Barcelos (dois corações unidos por uma chave, peixes, etc.), nos lenços de namorados do Alto Minho, em grinaldas, escudos nacionais, apetrechos marítimos e, obviamente, nas marcas pessoais de quem as usava.

A camisola bordada era elemento integrante do traje masculino de romaria e festa do pescador poveiro, cuja origem remonta ao primeiro quartearão do século XIX. Este traje branco, de branqueta (tecido manual feito de lã) é mais um reflexo da originalidade da Colmeia piscatória poveira e, pelo seu forte valor identificativo, foi sempre a indumentária escolhida aquando da presença de elementos da comunidade junto das mais altas individualidades nacionais. Com a grande tragédia marítima de 27 de Fevereiro de 1892, o luto decretou a sentença de morte deste traje branco, assim como de outros trajes garridos.

A recuperação do vistoso e original traje branco, incluindo a Camisola Poveira bordada, deveu-se a Santos Graça que, ao organizar o Grupo Folclórico Poveiro, em 1936, o ressuscitou e divulgou. “Na organi-

zação do Grupo Folclórico Poveiro procurei, entre os trajes anteriores ao dia da desgraça em 1892 (...) lembrei-me, então da linda camisola poveira, branca bordada a duas cores, preto e vermelho (...). Fui feliz nessa escolha (...). Hoje vendem-se aos milhares de camisolas poveiras e as nossas bordadeiras não têm podido atender as encomendas que lhes fazem.”(2)



A este período seguiu-se um despertar da camisola em termos comerciais, acabando por abandonar a função para que foi inicialmente concebida. “Hoje, na classe piscatória já não se vislumbra qualquer vestígio do modo de trajar antigo. Nem mesmo essas camisolas poveiras (...) traduzem uma realidade actual”(3)

A camisola poveira bordada contou, também, com a promoção do filme “Ala-Arriba”, de Leitão de Barros, de 1942. Um retrato da vida dos pescadores da praia da Póvoa de Varzim, que serviu de bom embaixador da camisola no país e no estrangeiro.

No guia ilustrado da Praia da Póvoa, de 1946, já a Loja do Sol, um dos mais conceituados estabelecimentos da cidade, anunciava a camisola poveira como o ex-libris dos seus artigos. Um filho do proprietário, entretanto chamado para cumprir o serviço militar em Lisboa, encarregou-se de vender exemplares pela capital e depois por Cascais, Sintra, alargando o negócio de norte a sul do país.

Na década de 50, já eram exportadas para Londres e Nova Iorque. Por volta de 1966, tal era o sucesso que começou a exportação para a França, Holanda, Bélgica, Dinamarca, Suécia, Ilhas Canárias, Madeira e Açores. Daí se compreenda o “inesperado” de uma fotografia da princesa Grace Kelly envergando uma bonita camisola poveira bordada.

Em 1970, já a fama da camisola atravessava largamente as fronteiras, aconteceu um episódio muito caricato, tendo como protagonista um cida-

ção sueco que entrou na “Loja do Sol” e comprou, de uma só vez, todo o stock existente, naquela altura perto de mil exemplares.



Mas este sucesso de vendas não era um exclusivo da camisola poveira bordada. Quando as tendências da moda apresentavam as camisolas de pontos, as mulheres poveiras estavam em ótimas condições para interpretar as revistas da especialidade que chegavam do estrangeiro, havendo já mão-de-obra apta a responder à procura que entretanto surgiu.



Os anos 80 trouxeram uma forte quebra na produção e exportação deste tipo de artigos manufacturados, que não resistiram à concorrência dos variadíssimos artigos de “pronto-a-vestir”, mais baratos e adequados às tendências. Hoje em dia, a exportação não é significativa, e a produção das camisolas destina-se, essencialmente, às casas de artigos regionais. Para contrariar a tendência, a autarquia está empenhada num conjunto de acções que visam a recuperação e promoção desta jóia do artesanato poveiro e nacional.

(1) COSTA, Maria da Glória Martins da - “O traje poveiro”, In: Póvoa de Varzim Boletim Cultural, vol. 19 (1980), p. 208-213 ; (2) A. SANTOS GRAÇA - in “O Comércio da Póvoa de Varzim”, de